

## A expressão do passado imperfectivo no português arcaico

Raquel Meister Ko. Freitag\*

**Resumo:** Sincronicamente, o português apresenta duas formas para expressar passado imperfectivo: a forma de pretérito imperfecto (IMP) e a forma perifrástica (PPROG). A variação das formas pode ser atestada também por estratégias de desambiguação e por evidências translinguísticas. A variação na expressão do passado imperfectivo foi analisada em crônicas do período arcaico do português (*Chronica de El-Rei D. João I* (1644), *Chronica delrey D. Affonso Henriques* (1726) e *Chronica delrey D. Dinis VI de Portugal* (1729) dos cronistas portugueses Fernão Lopes, Duarte Galvão e Rui de Pina, respectivamente). Os resultados apontam para o comportamento das formas de passado imperfectivo rumo à distribuição complementar.

**Palavras-chave:** Passado imperfectivo. Variação diacrônica. Crônicas. Português arcaico.

**Abstract:** In synchrony, Portuguese has two forms to express imperfective past: the form of preterito imperfecto (IMP) and the periphrastic form (PPROG). Variation of forms can also be attested by strategies to disambiguate contexts and translinguistic evidences. The variation in imperfective past domain is analyzed in the chronicles of the Archaic Portuguese (*Chronica de El-Rei D. João I* (1644), *Chronica delrey D. Affonso Henriques* (1726) and *Chronica delrey D. Dinis VI de Portugal* (1729) of the chroniclers Fernão Lopes, Duarte Galvão and Rui de Pina, respectively). The results point to the behavior of the imperfective past forms bearing the complementary distribution

**Keywords:** Imperfective past. Diachronic variation. Chronicles. Archaic Portuguese.

### 1. Introdução

A análise da variação e da mudança não é tarefa das mais simples, especialmente quando se trata de objetos que vão para além dos limites da fonologia. Em domínios funcionais complexos, como nas categorias verbais, é uma tarefa que exige buscar evidências não só na fatia temporal analisada, mas também nas estratégias de desambiguação, nas evidências translinguísticas e diacrônicas. Neste texto, apresenta-se um domínio funcional complexo – o passado imperfectivo – que sincronicamente, no português falado no Brasil, é expresso por duas formas, configurando-se um caso de variação. Busca-se averiguar se os evidenciais sincrônicos e translinguísticos da variação neste domínio funcional são também verificados na diacronia, tomando como

---

\* Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora do Núcleo de Letras da Universidade Federal de Sergipe.

recorte temporal o português arcaico, especificamente nas *Chronica de El-Rei D. João I* (1644), *Chronica delrey D. Affonso Henriques* (1726) e *Chronica delrey D. Dinis VI de Portugal* (1729) dos cronistas portugueses Fernão Lopes, Duarte Galvão e Rui de Pina, respectivamente.

## 2. Passado imperfeito

O português falado apresenta duas formas verbais para expressar o valor de passado imperfeito, como pode ser observado em

(1) (Freitag, 2007b). Depois me aborreci, não era o tipo de serviço que eu **estava querendo**, aí passei a ser funcionário do Banco Econômico, **trabalhava** no setor de transporte de malote.

Em (1), *estava querendo*, forma perifrástica constituída por *estarIMP* + *Vndo* (PPROG), e *trabalhava*, pretérito imperfeito do indicativo (IMP), referem-se à mesma função semântico-discursiva, o passado imperfeito, que se caracteriza por expressar uma situação que apresenta as seguintes propriedades:

- É anterior ao momento da enunciação;
- É concomitante a outra situação que se torna seu ponto de referência;
- Apresenta-se como em andamento em relação ao ponto de referência.

Para, inicialmente, entender as propriedades caracterizadoras do passado imperfeito, é preciso considerar a teoria de tempos verbais de Reichenbach (1947) e a noção de aspecto perfectivo e imperfeito de Comrie (1976). Reichenbach (1947) propõe um modelo de estruturação temporal baseado na ordenação de três pontos: o momento de fala, o momento da situação e o ponto de referência. Temporalmente, o passado imperfeito está relacionado com uma situação que ocorreu anteriormente ao momento de fala, e que ao mesmo tempo, ocorreu simultaneamente a um ponto de referência (também passado).

Quanto ao aspecto, de acordo com Comrie (1976), o *imperfeito* está relacionado à impossibilidade de se determinar os pontos inicial ou final da situação, com foco voltado ao seu desenvolvimento, em contraponto ao perfectivo, que enfatiza os pontos inicial ou final da situação. O passado imperfeito é imperfeito justamente porque

apresenta a situação como em andamento, em relação a um ponto de referência passado. Aparentemente, as formas verbais IMP e PPROG quando expressam passado imperfectivo podem ser intercambiadas sem que haja mudança no valor de uso, como em

(2). Depois me aborreci, não era o tipo de serviço que eu **queria**, aí passei a ser funcionário do Banco Econômico, **estava trabalhando** no setor de transporte de malote.

Além da intercambialidade, há outros dois indícios de que essas formas estejam passando por um processo de variação e mudança: a especialização do uso das formas para resolver ambiguidades e as evidências translinguísticas. Além destes, podemos ainda buscar evidências diacrônicas.

### ***2.1 Especialização de formas para desambiguação***

O primeiro indício a ser discutido são constatações de alguns estudos no português sobre o uso das formas como estratégia para resolver ambiguidade. Ao analisar os valores assumidos pelo pretérito imperfeito do indicativo no português, Matos (1996) afirma que, em alguns contextos, a forma gera ambiguidade. Uma frase como

(3) O Rui trabalhava muito.

pode remeter a uma leitura habitual, que pode ser parafraseada por “*O Zé sempre foi um preguiçoso. O Rui trabalhava muito*” ou remeter a uma leitura de continuidade no passado, parafraseável por “*No ano passado, o Rui trabalhava muito*”. (*op. cit.*, p. 441). Travaglia (1981) também verifica a ambiguidade do pretérito imperfeito do indicativo, pois em alguns contextos a forma pode assumir leitura continuativa, ou seja, expressar uma situação passada vista com continuidade, ou leitura habitual, o que torna uma frase como (4) ambígua.

(4) Ele **falava** às 10h.

A frase pode ter tanto uma leitura continuativa, parafraseada em (5), como habitual, parafraseada em (6).

(5) Ele **estava falando** às 10h.

(6) Ele **sempre falava** às 10h.

Travaglia sugere que, no português, em (4), leitura mais intuitiva para o falante é a habitual, uma situação que ocorreu, mais de uma vez no passado, e que pode vir a continuar ocorrendo no momento presente e no futuro. Caso fosse intenção do falante marcar a continuidade da situação, ou seja, apresentar uma única situação passada vista como em andamento em relação à especificação temporal, utilizaria uma forma perifrástica, como (5). A tendência de uso de uma forma perifrástica para desfazer a ambiguidade do IMP é apontada por Epiphanyo Dias ([1918]1970):

querendo-se designar explicitamente o que se estava passando no momento em que uma causa aconteceu, de modo que não haja confusão com a designação do que costumava acontecer, emprega-se a conjugação periphrastrica [sic] – composta com o verbo estar com o particípio em –ndo, ou com o infinitivo presente precedido de a: não lhe falei porque estava a jantar/ estava jantando. (*op. cit.*, p. 186).

A intuição de Epiphanyo Dias em identificar uma estratégia – o uso de uma forma perifrástica – para diferenciar a expressão da continuidade da habitualidade no tempo passado não está em uma gramática normativa atual; trata-se da *Syntaxe historica portuguesa*, fundamentada em textos de autores dos séculos XIII a XVII, sugerindo que a tendência à especialização de usos teve origens mais anteriores, e, curiosamente, não é mencionada nas gramáticas normativas da língua portuguesa atuais. Na fala, porém, a tendência não parece ser seguida sistematicamente.

(7) Na época que eu mais **precisei** dele, que eu mais **precisava** de um apoio, foi quando a minha mãe morreu.

(8) Aí também foi na época que a gente **voltou**, a gente **estava precisando** economizar pra começar nossa vida.

A forma destacada na frase (7) expressa uma situação passada continuativa e, de acordo com Travaglia (1981) e Epiphanyo Dias ([1918]1970), seria esperado o uso de PPROG, como em (8). Se há uma diretriz gramatical, que motivos haveria para que as formas IMP e PPROG se alternassem na expressão do mesmo valor de verdade, neste caso, expressando a mesma função semântico-discursiva de passado imperfectivo?

Em (7), a situação *precisava* é anterior ao momento de fala e ocorre concomitantemente a um ponto de referência, estabelecido pela oração subordinada adverbial temporal “quando a minha mãe morreu”. A situação, apesar de já ter ocorrido, é apresentada

como em andamento em relação ao ponto de referência; na oração anterior “*Na época que eu mais precisei dele*”, o mesmo item lexical é apresentado como perfectivo, valor associado à forma de pretérito perfeito (PP). E em (8), a situação *estava precisando* também se refere a uma situação passada – anterior ao momento de fala – e concomitante a um ponto de referência, também passado: “*Aí também foi na época que a gente voltou*”. Observe-se que o mesmo item lexical, no mesmo contexto, com o mesmo tipo de ponto de referência (oração temporal), duas formas para expressar passado imperfectivo podem ser utilizadas: IMP e PPROG.

## 2.2 Evidências translinguísticas

O segundo argumento de que IMP e PPROG passam por processo de variação e mudança quando expressam situações passadas imperfectivas refere-se a evidências translinguísticas. Fenômeno semelhante ao que ocorre com o pretérito imperfeito no português também pode ocorrer com o *imperfetto* italiano, em (9), conforme aponta Bonomi (1998), e com o *imperfecto* espanhol, em (10), de acordo com Givón (2001).

(9) Nel 1870 quando si **sposavano**, c'era un grande casino nella piazza.

Nel 19870 quando si **stavano sposando** c'era un grande casino nella piazza.

‘Em 1870, enquanto eles **estavam se casando/se casavam**, havia uma grande festa no parque.’

(10) La banda y yo **tocábamos** en un bar cuando llegó la policía.

La banda y yo **estábamos tocando** en un bar cuando llegó la policía.

‘A banda e eu **tocávamos/estávamos tocando** quando chegou a polícia.’

As evidências translinguísticas sugerem que a motivação para a alternância entre as formas pode estar mais longe, na origem das línguas românicas. Ainda na perspectiva translinguística, a possibilidade de variação entre as formas também causa confusão quando considerada a tradução para o inglês, principalmente as situações passadas continuativas que, em uma língua românica como o francês são codificadas por IMP, no inglês tanto podem ser codificadas por *simple past* ou *progressive past*, como aponta Molendijk (2005, p. 119), em (11).

(11) Quand Pierre entra, 9 heures **sonnaient**.

When Peter came in, the clock **\*strinked/was strinking** 9.

‘Quando Pedro entrou, **tocava/estava tocando** 9 horas.’

Quand Pierre entra, 1 heure **sonnait**.

When Peter came in, the clock **strinked/\* was strinking**.

‘Quando Pedro entrou, **tocava/estava tocando** uma hora.’

Tanto as evidências do uso especializado das formas como estratégia de desambiguação como as evidências translinguísticas sugerem um quadro de variação das formas na expressão do passado imperfeito.

### **2.3 Evidências diacrônicas**

O quadro variável do passado imperfeito no português é clareado com a análise desenvolvida em Freitag (2007b), cujo objetivo foi prover a caracterização do valor semântico-discursivo denominado “passado imperfeito”, enfocando as suas duas formas variantes: IMP e PPROG, com vistas a responder, basicamente, às seguintes questões: IMP e PPROG funcionam como variantes de uma variável linguística? Se sim, qual a variável? Que contextos específicos permitem que as formas funcionem como variantes? E, considerando o comportamento sincrônico das formas, como fica o paradigma verbal do português?

Considerando o modelo de representação temporal de Reichenbach (1947) – momento da situação, momento de fala e ponto de referência –, o passado imperfeito é uma função caracterizada *temporalmente* pela relação de *ordenação* e *sobreposição*, e *aspectualmente*, pela relação de inclusão.

- Em relação ao tempo, o passado imperfeito refere-se a uma situação anterior ao momento de fala e simultânea ao ponto de referência, também anterior, daí a noção de passado.

- Em relação ao aspecto, o passado imperfectivo refere-se a uma situação cujo intervalo inclui o ponto de referência, o que manifesta o andamento da situação em relação ao ponto de referência, daí a noção de imperfectividade.

No domínio da imperfectividade, o passado imperfectivo recobre valores que vão desde o progressivo até o habitual, passando pelo contínuo, iterativo e por casos de ambiguidade aspectual (imperfectivo genérico, valor em que a especificidade aspectual não é não relevante nem para o falante nem para o ouvinte). Ambas as formas desempenham a mesma função semântico-discursiva, funcionando como variantes de uma mesma variável linguística. Entretanto, cada forma tende a ocorrer em contextos específicos.

- A forma IMP está relacionada à expressão dos aspectos habitual e iterativo, predicados [- dinâmicos], situações longas, de polaridade negativa e ponto de referência imperfectivo.
- A forma PPROG está relacionada à expressão do aspecto progressivo, predicados [+ dinâmicos], situações instantâneas e curtas, de polaridade positiva e ponto de referência perfectivo.
- A polarização entre formas e contextos de recorrência é consequência das trajetórias de gramaticalização pelas quais passam as formas IMP e PPROG.

Socialmente, a variação na expressão do passado imperfectivo está relacionada com a gradação etária dos informantes. Considerando as evidências translinguísticas e históricas, uma investigação diacrônica é sugerida para respaldar as constatações sincrônicas do estudo realizado em Freitag (2007b).

O estudo da variação entre IMP e PPROG para a expressão do passado imperfectivo no português tomou como base uma fatia temporal muito específica, a recoberta pela amostra do Projeto VARSUL (Variação Linguística Urbana na Região Sul), que teve sua coleta no decorrer da década de 1990. Entretanto, a variação entre as formas, e a ambiguidade decorrente do processo, é muito mais anterior, já observada nas origens do português por Epiphânio Dias ([1908]1970), na sua *Syntaxe historica portuguesa*, fundamentada em textos de autores dos séculos XIII a XVII. Para aprimorar a descrição do uso das formas verbais IMP e PPROG no que se refere à expressão do passado imperfectivo no português brasileiro, contemplando a fatia diacrônica do português

arcaico, mais especificamente as obras *Chronica de El-Rei D. João I* (1644), *Chronica delrey D. Affonso Henriques* (1726) e *Chronica delrey D. Dinis VI de Portugal* (1729) dos cronistas portugueses Fernão Lopes, Duarte Galvão e Rui de Pina, respectivamente.<sup>1</sup> Veja-se que a possibilidade de variação no uso das formas na expressão do passado imperfectivo aventada por Epiphanio Dias é corroborada empiricamente, como ilustram as ocorrências de (12) e (13).

(12) “... mormente se **dizia**, que ElRey de Castella prendera o Inffante Dom Iohão”... (Lopes, p.26).

(13) “O Conde Iohão Fernandez não **estava dizendo** porém a razão” (Lopes, p.22)

A análise dos textos do período arcaico do português toma a hipótese do *uso do presente para explicar o passado* parte da premissa de que a língua é um instrumento de comunicação utilizado por uma dada comunidade de fala. E, se a língua está envolvida no curso da história do homem como um instrumento de comunicação e se adapta às suas necessidades, a estabilidade deve ser a sua propriedade mais importante. Partindo desse pressuposto, Labov (1994) busca uma explicação da geologia, já aplicada na linguística por Whitney (1867 *apud* Labov 1994), que é o *princípio do uniformitarismo*: o conhecimento de processos que atuaram no passado pode ser inferido pela observação de processos em andamento no presente; é o uso do presente para explicar o passado. O

---

<sup>1</sup> Os primeiros manuscritos medievais surgiram a partir do início do século XIII, pela necessidade administrativa de se organizar fatos relativos à sociedade. Porém, os documentos produzidos neste período se restringiam à elite intelectual, que geralmente era ligada à religião e aos nobres. Estes registros não seguiam uma normatização, pois nessa fase, os textos eram produzidos muito mais para serem ouvidos do que propriamente lidos. Os cronistas exerciam sua função dentro da corte régia e eram incumbidos da tarefa de registrar os feitos do rei, para que estes não se perdessem no transcorrer do tempo. Essa documentação era reunida sob a forma de crônica. As crônicas produzidas em Portugal no final da Idade Média eram normalmente elaboradas por membros eruditos da corte, ou a pedido de alguém oriundo da casa real, que patrocinava a compilação. As crônicas tinham como principal lugar de produção o palácio régio, e procuravam traçar para Portugal uma identidade peculiar, que girava em torno da figura do rei, concedendo ao monarca e ao reino um ar de sacralidade. Os cronistas poderiam ser considerados os jornalistas de hoje, só que não escreviam para o dono do jornal e sim para o rei; assim, as crônicas procuraram, de um lado, traduzir as aspirações do poder ao qual serviram, de outro, construir a imagem desse poder através da retrospectiva do passado inspirada no presente. (Santos; Carvalho; Andrade, 2008).



princípio do uniformitarismo, na geologia, opõe-se ao princípio do catastrofismo, segundo o qual a origem da terra e das coisas vivas é devida a um súbito e único evento no passado, e todas as coisas fixaram suas características desde então. Dados históricos poderiam ser objeto para o estudo da variação e mudança linguística. Porém, existem problemas no uso de dados históricos. Segundo Labov (1994), documentos históricos sobrevivem ao acaso; a forma linguística dos documentos escritos é diferente do vernáculo dos seus escritores, que sempre registrariam a norma e nunca a ‘sua língua nativa’; documentos sofrem efeitos de revisão, mistura dialetal, erros do escritor; não há transcrição fonética ou gravações de fala, exceto recentemente. Além disso, se sabe muito pouco sobre o papel social do escritor: quais dialetos ele conhecia e o seu grau de compreensão das diferenças dialetais.

A tentativa de realizar uma análise que contemple dados sincrônicos e diacrônicos é apontada por Labov (1994) como o *paradoxo da linguística histórica*, segundo o qual não se pode simplesmente juntar dados do século 20 e do século 16 como se eles fossem da mesma comunidade de fala. O objetivo da linguística histórica, de acordo com Labov, é explanar sobre as diferenças entre o passado e o presente, mas não existem meios suficientemente seguros para saber o quanto diferentes eram.

Porém, nem todos os pesquisadores vêem problemas em usar dados históricos para o estudo de fenômenos de variação e mudança. Mattos e Silva (1991) discorda de que a forma linguística dos documentos escritos é diferente do vernáculo dos seus escritores, que sempre registrariam a norma e nunca a “sua língua nativa”. Segundo a autora, textos do período arcaico do português, anteriores às primeiras propostas de normatização ortográfica, são caracterizados pela variação gráfica e morfossintática. Mattos e Silva (1991) argumenta que, a partir da variação gráfica, é possível depreender indícios das realizações fônicas em vigor na época que o texto fora escrito, bem como a partir da variação morfossintática é possível depreender possibilidades estruturais. Com as primeiras propostas de ortografia para o português, em meados do século XVI, e a normatização gramatical, a escrita passou a valer-se de algumas das variantes, as de prestígio.

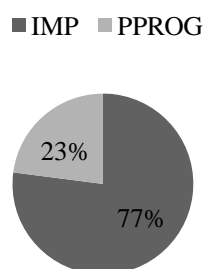
É sob esta perspectiva que foram analisadas a *Chonica de El-Rei D. João I* (1644), a *Chronica delrey D. Affonso Henriques* (1726) e a *Chronica delrey D. Dinis VI de Portugal* (1729), crônicas do período arcaico do português, retiradas do *Corpus*

*Histórico do Português Tycho Brahe*, um corpus eletrônico anotado, composto de textos em português escritos por autores nascidos entre 1435 e 1845 e disponível em: <http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/index.html>. Foram coletadas 684 ocorrências de passado imperfeito, as quais foram submetidas à quantificação, com o controle dos fatores (forma verbal; tipo de sequência discursiva; tipo de discurso; extensão da situação; tipo de aspecto) e à análise estatística do programa GoldVarb X (Sankoff; Tagliamonte; Smith 2005).<sup>2</sup>

### 3. Aspecto: forma e função

A análise quantitativa dos dados obtidos nas crônicas aponta que as 684 ocorrências de passado imperfeito, quanto à forma de expressão, estão distribuídas em 527 ocorrências da forma IMP e 157 ocorrências da forma PPROG, como pode ser visualizado no gráfico 1.

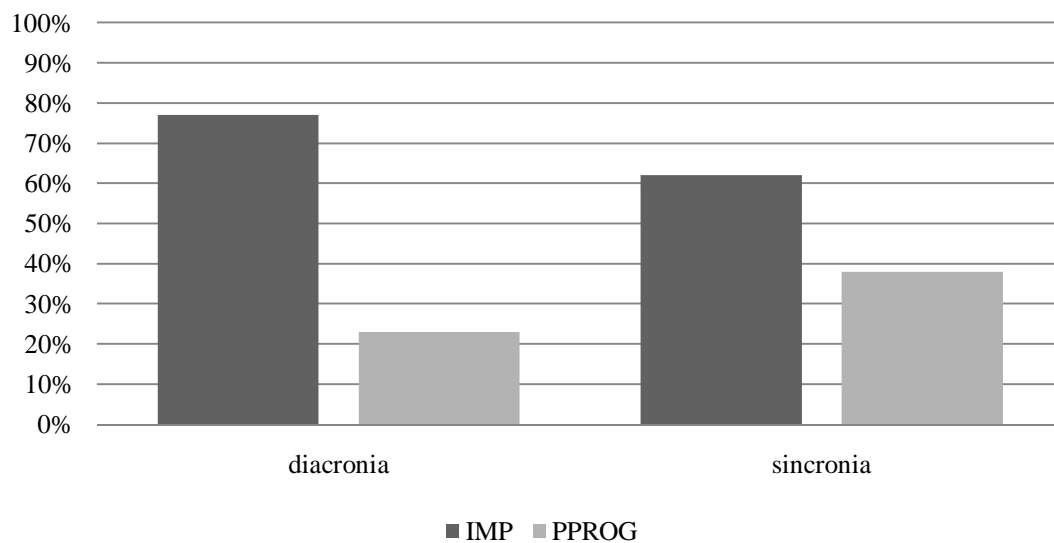
Gráfico 1: Distribuição das ocorrências de passado imperfeito no corpus diacrônico



Contrastando com os resultados da fatia sincrônica, é possível tecer algumas considerações acerca da mudança na expressão do passado imperfeito. A análise da expressão do passado imperfeito na fala de Florianópolis contou com 882 contextos de ocorrência da função, dos quais 546 estão relacionados à forma de IMP e 336 à forma PPROG. O gráfico 2 apresenta uma comparação entre os resultados obtidos, permitindo observar a mudança na forma de expressão do passado imperfeito.

Gráfico 2: Evolução na expressão do passado imperfeito

<sup>2</sup> Foram considerados para efeitos de análise apenas os fatores apontados como estatisticamente significativos pelo GoldVarbX.



Na amostra sincrônica, a forma de PPROG representa 38% do total das ocorrências de passado imperfeito; na amostra diacrônica, esta forma corresponde a 23% das ocorrências. A comparação dos dados evidencia a expansão da forma PPROG na expressão de passado imperfeito. Quanto à função, o aspecto imperfeito abrange uma ampla escala de valores dentro da imperfectividade que vai do específico ao genérico, e em estudo com dados do português atual, a forma IMP é a mais recorrente (Freitag, 2007b). Na amostra diacrônica, foram controladas as nuances aspectuais de progressivo e contínuo, os quais estão sincronicamente associados à expressão do passado imperfeito pelas formas IMP e PPROG, ilustrados em (14)-(18), cujos resultados são apresentados no gráfico 3. Cabe salientar que os outros valores (iterativo e habitual), na amostra diacrônica, apresentam ocorrência associada categoricamente à forma IMP.

(14) “...e satisfazer há ElREy D. Diniz nas couzas que juntamente **requeria...**” (Pina, p.49) (contínuo)

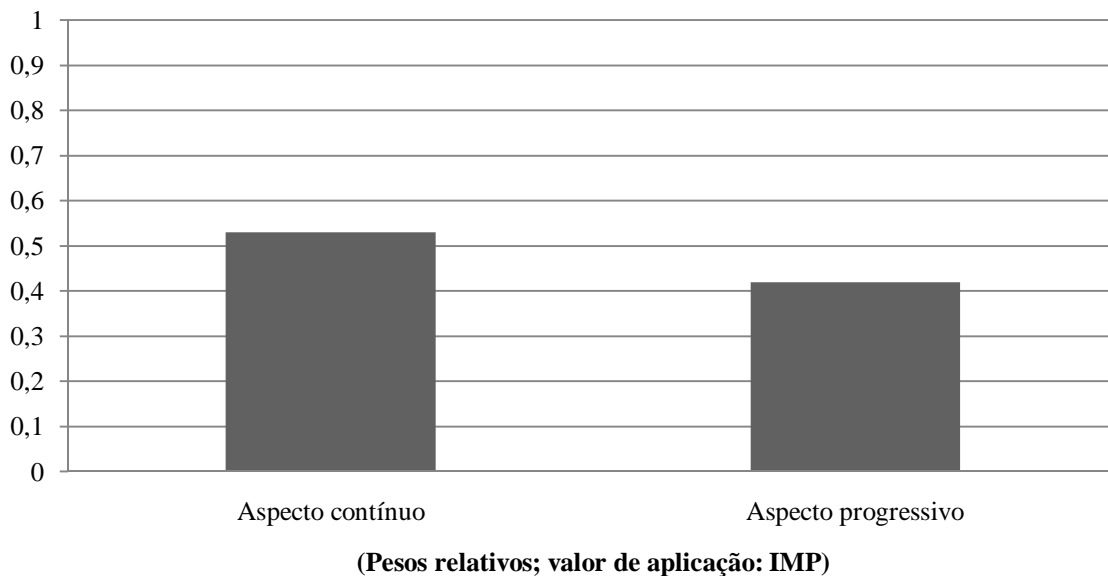
(15) “... Onde ElRey de Castela com há Rainha Dona Maria sua madre, hos **estava esperando...**” (Pina, p.70). (contínuo)

(16) “...pela Fe, e defesa da Teerra sancta **peleyjavam** estes sobre todos com mais devaam...” (Pina, p.81). (progressivo)

(17) “Duvidoso ElRey D. Affonso Anriques nesta maneyra de poder tomar ha nobre Villa de Santarem, assi pelas duvidas que punhaõ estes com que **falava**, como pela grande deficuldade...” (Galvão, p. 32). (contínuo)

(18) “e chegou de supito ha Guimarães onde cerquou ho Príncipe D. Affonso... vendo D. Eguas moniz Ayo do Principe ho grande periguo em seu Senhor **estava vestindo** sua capa pelo traje ... , que dentro estava desaperebido.” (Galvão, p. 29) (progressivo)

Gráfico 3: Distribuição dos valores aspectuais do passado imperfectivo (amostra geral)



Os resultados da amostra diacrônica corroboram os resultados sincrônicos (Freitag, 2007a, p. 138): a tendência à polarização de usos das formas em relação aos valores aspectuais específicos já é verificada no século XV. Pôde-se comprovar que o aspecto habitual, categoricamente associado à forma IMP na amostra sincrônica, já tinha este mesmo comportamento na amostra do século XV composta pelas crônicas. O valor aspectual específico de iterativo, que na amostra sincrônica está fortemente correlacionado à forma IMP (peso relativo de 0,76), na diacronia esta correlação é

categorica. O aspecto contínuo, na amostra sincrônica, apresenta um peso relativo de 0,51 (IMP como valor de aplicação); na amostra diacrônica, o peso relativo obtido é de 0,53. Este resultado sugere uma situação de estabilidade na variação na expressão do passado imperfeito. Porém, ao compararmos os resultados do valor aspectual específico de progressivo, os resultados apontam a especialização entre formas e funções: na amostra sincrônica, o peso relativo obtido para este tipo aspectual é de 0,17 (sempre IMP como valor de aplicação); na amostra diacrônica, o valor obtido é de 0,42.

A comparação entre as fatias temporais da língua aponta que o valor aspectual contínuo configura-se como um caso de variação estável; já os valores progressivo, iterativo e habitual encaminham-se para a especialização de formas para a sua expressão dentro do domínio do passado imperfeito.

#### 4. Tipo de discurso

O controle do tipo de discurso dá-se em função da especificidade que caracterizam as crônicas em função de sua articulação interna quanto às vozes das personagens envolvidas neste gênero textual. Embora todas sejam permeadas pela sequência narrativa, crônicas são diferentes de cartas, que são diferentes de atas, que são diferentes de notícias, e todas possuem traços característicos quanto ao tipo de discurso predominante. O tipo de discurso foi controlado da seguinte forma: **discurso direto** é aquele em que o narrador utiliza sua fala para narrar certos acontecimentos, sem a interferência de personagens, como em (19), **discurso indireto** é aquele em que o narrador reporta a fala ou o pensamento das personagens, como em (20); e **discurso reportado** é aquele em que a fala das personagens é fielmente reproduzida, como em (21).

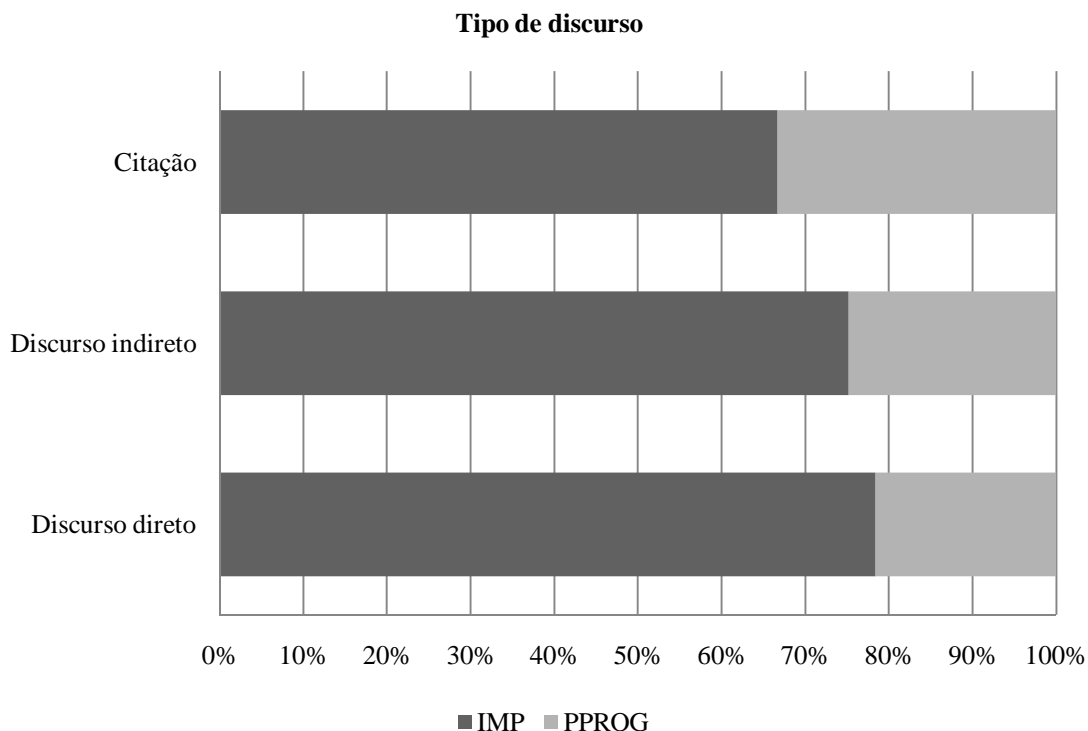
(19) “Grande licença deu afeição a muitos q’ tiverão cargo de ordenar historias, mórmente dos senhores, em cuja mercê, a terra vivião...” (Lopes, p.10).

(20) “Demais que dezião que escrevera a EL-Rey de Castella, que logo trigosamente viesye ao reyno, ao vindo entendião todos, que não er, savo por se asenheoar delles...” (Lopes, p. 83).

(21) “E como foi feita tornou a ElRey, e disse. Senhor, vos me mandais fazer esta carta; resimindolhe ~q janda era...” (Lopes, p.22).

Vejam os resultados obtidos, no gráfico 4.

Gráfico 4: Distribuição das formas de passado imperfectivo quanto ao tipo de discurso



Os resultados obtidos apontam para o predomínio da relação entre discurso direto e a forma IMP, concentrando 78% das ocorrências. No discurso reportado, porém, a forma de PPROG tem um percentual de ocorrências mais acentuado, com 33 % das ocorrências. Neste tipo de texto, o autor remete à própria fala das personagens expressas nas obras, como, por exemplo, a reprodução de cartas, como mostra a passagem relatada pelo próprio Rui de Pina:

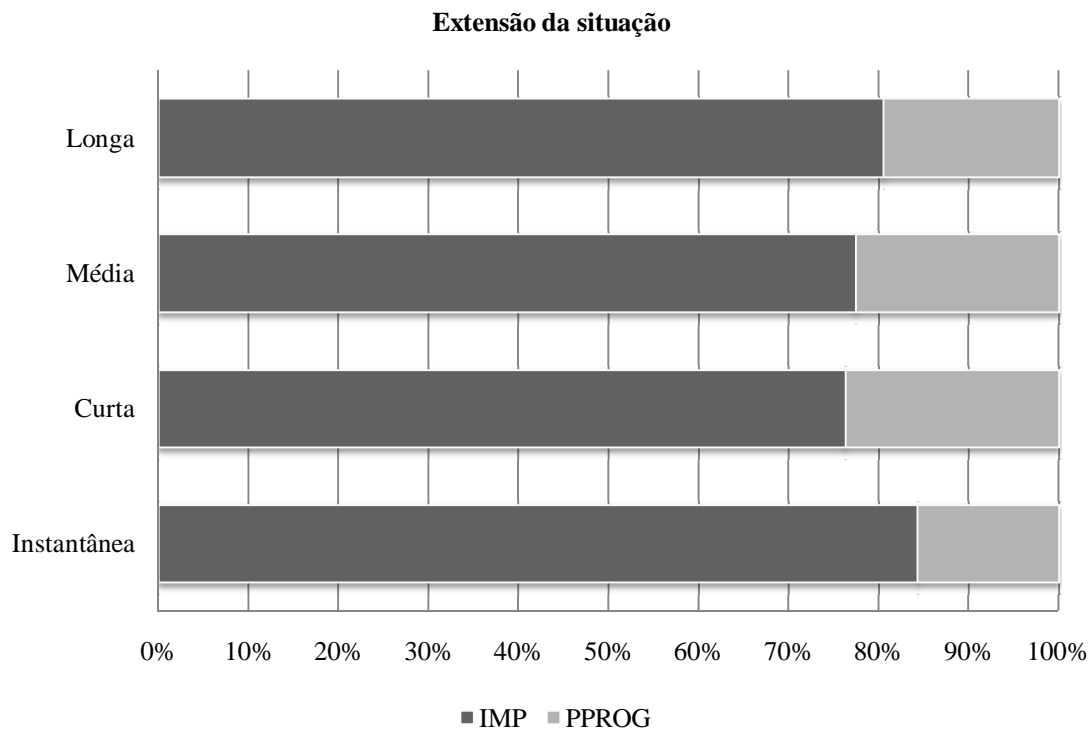
(22) “e D. Diniz pela mesma graa de Deos Rey de Portugal, e do Alguarve, da outra raza destas contendadas sobre ditas nacem antre ns muitas guerras, e omezios, e excesos em tal maneyra que nosas terras dambos foram muitas roubadas queymadas, e estraguadas em que se feez hy muio pezar há Deos nosso Senhor por morte de muytos homens **estam vendo**, e guardando que se aho diante fosem destas guerras, (...)” (Pina, p.52).

A escolha entre as formas de passado imperfeito pode estar relacionada à perspectivização optada pelo cronista para relatar os fatos acontecidos, indo numa dimensão estilística da variação, e que de certa forma pode estar correlacionada com o tipo de ponto de referência evocado (cf. Freitag, 2009), o qual se encontra em instância de gramaticalização na fatia sincrônica do português. Outra possibilidade é considerar que a relação entre tipo de discurso e forma de passado imperfeito pode estar relacionada, também, com a extensão da situação reportada, fator que é explanado na seção a seguir.

### **5. Extensão da situação**

O português não apresenta um sistema gramaticalizado de codificação da extensão/duração de uma situação. Para codificar esse tipo de informação, fazemos uso de recursos lexicais, como advérbios e nomes que denotem extensão ou duração temporal. Porém, é possível considerar a hipótese de que na expressão do passado imperfeito as formas IMP e PPROG se diferenciem quanto ao uso em função da extensão temporal.

Gráfico 5: Distribuição das formas de passado imperfeito quanto à extensão da situação



Sincronicamente, Freitag (2007b) constata que a extensão da situação na expressão do passado imperfectivo tende a se polarizar: a forma PPROG, relacionada com a expressão de aspecto progressivo, tende a ser associada a tempo instantâneo/curto. Já a forma IMP tende a ser associada a tempo longo.

Os resultados diacrônicos, no gráfico 5, sugerem que a tendência à gramaticalização da extensão da situação, apontada em Freitag (2007b), é relativamente recente, ou, ao menos, não se mostra como tendência, ainda que incipiente, na amostra do português do século XV. A distribuição dos percentuais de ocorrência das formas quanto à extensão da situação assevera a predominância de IMP, em todas as extensões. Note-se que, quando se trata de situações classificadas como instantâneas, sincronicamente associadas à forma PPROG, na amostra diacrônica aqui analisada o predomínio de IMP é mais acentuado do que nas demais extensões.

## 6. Considerações finais

A análise diacrônica da variação no domínio funcional complexo do passado imperfectivo no português, aliada às evidências sincrônicas e translinguísticas, permite



se traçar um panorama preditivo acerca do comportamento das formas variáveis rumo à distribuição complementar, já sugerida pelas estratégias de desambiguação. Quanto ao valor aspectual específico que as formas podem codificar, a análise diacrônica corrobora que, no domínio do aspecto contínuo, configura-se um caso de variação estável; já os valores progressivo, iterativo e habitual encaminham-se para a especialização de formas para a sua expressão dentro do domínio do passado imperfectivo.

O controle do tipo de discurso, na análise diacrônica, aponta para a dimensão estilística da variação: uma certa forma verbal é utilizada como marca pessoal do autor, em contextos específicos (no caso, o discurso reportado). Já a extensão da situação, traço que se encontra em instância de gramaticalização na fatia sincrônica (Freitag, 2007b), na amostra diacrônica analisada ainda não manifesta tendência à polarização de uso das formas em contextos específicos.

Em suma, a análise da fatia diacrônica do português arcaico, constituída pelas obras *Chronica de El-Rei D. João I* (1644), *Chronica delrey D. Affonso Henriques* (1726) e *Chronica delrey D. Dinis VI de Portugal* (1729) dos cronistas portugueses Fernão Lopes, Duarte Galvão e Rui de Pina, respectivamente, vem a aprimorar a descrição do uso das formas verbais IMP e PPROG no que se refere à expressão do passado imperfectivo no português brasileiro.

## 7. Referências

- BONOMI, Andrea. Semantical remarks on the progressive reading of the imperfective. *Tubingen Workshop on Tense and Aspect*, 1998.
- COMRIE, Bernd. *Aspect*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.
- EPIPHANIO DIAS, Augusto. *Syntaxe histórica portuguesa*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, [1918]1970.
- FREITAG, Raquel Meister Ko. *A expressão do passado imperfectivo no português: variação/gramaticalização e mudança*. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007 a.
- FREITAG, Raquel Meister Ko. Atuação da marcação na gramaticalização das formas de passado imperfectivo no português: o ponto de referência. *Estudos Linguísticos* (São Paulo), v. 38, p. 155-166, 2009.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Traços aspectuais do pretérito imperfeito do indicativo e do passado progressivo no português em contextos de variação. *Revista Letras* (Curitiba), v. 72, p. 251-271, 2007 b.

GIVÓN, Talmy. *Syntax: an introduction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.

LABOV, William. *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford: Blackwell, 1994.

MATOS, Sérgio. Aspectos da semântica e pragmática do imperfeito do indicativo. In: *Revista da Faculdade de Letras 'Língua e Literaturas'*, n. 8, 1996. p. 435-473.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O português arcaico – morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2001.

MOLENDIJK, Arie. The imparfait in French and the past progressive in English. In: Bart Hollebrandse, Angeliek van Hout, Co Vet (eds.) *Crosslinguistic Views on Tense, Aspect and Modality*. Amsterdam: Rodopi, 2005. p. 119-130.

REICHEMBACH, Hans. The tenses of verbs. In \_\_\_\_\_. (ed.), *Elements of symbolic logic*. New York: The MacMillan Company, 1947. p. 287-298.

SANKOFF, David, TAGLIAMONTE, Sali, SMITH, Eric. *Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows*. Department of Linguistics of University of Toronto, Department of Mathematics - University of Ottawa, 2005.

SANTOS, Amanda Matos; CARVALHO, Eliana dos Santos Silva de; ANDRADE, Ivone Soares de. Mudança linguística em textos medievais portugueses: os cronistas da corte. In: *Anais da I Semana de Estudos Clássicos*. São Cristovão: Universidade Federal de Sergipe, 2008.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *O aspecto verbal no português – a categoria e sua expressão*. Uberlândia: Gráfica da UFU, 1981.